

EMERSON CERDAS

O CANTO DOS LADRÕES:

Paródia do discurso épico *n'As Metamorfoses* de Apuleio

4.8-22. Tradução e análise.



ARARAQUARA – S.P.
2017

EMERSON CERDAS

O CANTO DOS LADRÕES:

Paródia do discurso épico *n'As Metamorfoses* de Apuleio

4.8-22. Tradução e análise.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras, com habilitação em Latim.

Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira.

ARARAQUARA – S.P.

2017

EMERSON CERDAS

O CANTO DOS LADRÕES:

Paródia do discurso épico *n'As Metamorfoses* de Apuleio

4.8-22. Tradução e análise.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras, com habilitação em Latim.

Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

Data da defesa/entrega: 10/02/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira
Universidade Estadual Paulista/Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Alessandro Rolim De Moura
Universidade Federal do Paraná

Membro Titular: Ms. Leandro Dorval Cardoso
Universidade Estadual Paulista/Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

“Eis o que pensei: para que o mais banal dos acontecimentos se torne uma aventura, é preciso e basta que nos ponhamos a narrá-lo. É isso que ilude as pessoas: um homem é sempre um narrador de histórias, vive rodeado por suas histórias e pelas histórias de outrem, vê tudo o que lhe acontece através delas; e procura viver sua vida como se a narrasse” (SARTRE, 1985, p.66).

RESUMO

O objetivo deste trabalho é a análise de uma passagem específica do livro IV do romance latino *Metamorfoses*, ou *Asno de Ouro*, de Apuleio, escritor latino do século II d.C., buscando averiguar a sua construção como um discurso que parodia o gênero épico. Trata-se de uma narrativa secundária, encaixada à narrativa principal, cujo narrador é um ladrão que, através do uso de uma linguagem elevada, tenta amplificar as ações dele e de seus comparsas, transformando os assaltos fracassados em verdadeiras ações heroicas e épicas. Além dessa estratégia, há também uma paródia à famosa cena mitológica do Cavalo de Troia. De fato, além da criação do riso através da paródia, é interessante que a cena em questão apresenta importantes temas que dialogam com a própria narrativa principal, tais como os perigos das metamorfoses e o uso da astúcia e da inteligência, como melhor forma de se vencer os obstáculos. Por fim, apresentamos ainda a tradução dessa passagem, na qual buscou-se manter a presença do estilo elevado, a fim de que o texto em português apresente as características grandiloquentes do discurso do ladrão, dissonante com o conteúdo baixo da narrativa e essencial para a compreensão da paródia efetuada por Apuleio.

Palavras – chave: Apuleio. Romance antigo. Paródia. Épica.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es el análisis de un pasaje específico del libro 4 de la novela Latina *Metamorfosis*, o *El asno de oro*, de Apuleyo, escritor latino del siglo segundo dC, con objeto de averiguar su construcción como un discurso que parodia el género épico. Se trata de una narración secundaria, acoplada a la narración principal, cuyo narrador es un ladrón que, mediante el uso de un lenguaje elevado, intenta amplificar sus propias acciones y las de sus compañeros, transformando los robos fallidos en una acción heroica y verdaderamente épica. Además de esta estrategia, también hay una parodia de la famosa escena mitológica del caballo de Troya. De hecho, además de la creación de la risa a través de la parodia, es interesante que la escena en cuestión cuenta con temas importantes que dialogan con la propia narración principal, tales como los peligros de la metamorfosis y el uso de la astucia y la inteligencia como la mejor manera de superar los obstáculos. Por último, se presenta la traducción de este pasaje, en el que hemos intentado mantener la presencia del estilo elevado, a fin de que el texto en portugués presente el discurso grandilocuente del ladrón, disonante con el contenido bajo de la narrativa y esencial para la comprensión de la parodia efectuada por Apuleyo

Palabras-claves: Apuleyo. Novela antigua. Parodia. Épica.

SUMÁRIO

I. Introdução	08
II. Os ladrões e(m) seu canto	14
III. Sobre a Tradução	22
IV. Tradução	23
V. Referências Bibliográficas	36

I. INTRODUÇÃO

Apuleio nasceu por volta de 120 d.C. na colônia romana de Madauro, hoje situada na Argélia; morou também em Cartago e em Atenas, onde dedicou-se à filosofia platônica e produziu uma vasta obra sobre variados assuntos. Do pouco da sua produção que o tempo nos legou, as *Metamorfoses*, conhecida também como *O Asno de Ouro*¹, tem grande importância na história da literatura, dado que é um dos poucos exemplares que conhecemos hoje integralmente do gênero que se convencionou chamar de Romance Antigo². Esta narrativa aparenta-se à obra de Luciano de Samóstata, *Lúcio ou o burro* e a de Lúcio de Patras, obra conhecida por nós apenas por um breve resumo de Fócio que, em sua *Biblioteca*, diz ser esta obra a base em comum sobre a qual as narrativas de Luciano e de Apuleio foram desenvolvidas. Em que pese a estrutura similar do enredo, a narrativa de Apuleio, talvez pelo tom satírico das fábulas milesianas³ que acrescenta à narrativa⁴, tornou-se mais conhecida do público ocidental.

O romance de Apuleio é uma obra composta em onze livros que narram a mágica aventura de Lúcio, um grego que sai em viagem à Tessália, terra de feitiçarias, movido pela curiosidade de conhecer as maravilhas do mundo e acaba, pelo acaso, e pela sua obstinada curiosidade, se transformando em um asno. Com a sua consciência humana inalterada, Lúcio-asno pode tráfegar livremente entre as pessoas e conhecer aspectos do comportamento humano que, caso ele estivesse em sua forma humana natural, lhe seriam negados. Assim, a narrativa de Apuleio se constrói em dois planos complementares: acompanhamos, de um lado, a τύχη de Lúcio, o acaso que o transformou em asno e as

¹ Neste trabalho, nos referiremos à obra com o título *Metamorfoses*, a despeito do romance ser mais conhecido no Brasil como *Asno de Ouro*, pois, como observa Walsh (1989, p.838), o título *Metamorfoses* abarca não só as mudanças de forma de Lúcio, senão suas mudanças de fortuna, sobretudo sua conversão espiritual no final do romance – o que implica em uma unidade de ação muitas vezes negada pelos críticos – e, é claro, faz referência também às mudanças de fortuna e forma física produzidas em outras personagens da narrativa.

² Embora o termo “romance” tenha sido criado na Idade Média, para caracterizar as obras compostas em línguas românicas (*romani loqui*) em oposição às obras clássicas, escritas em latim e grego, há muitas semelhanças entre o romance antigo e moderno que permitem a aproximação e conveniência de designar os dois pelo mesmo rótulo. A respeito da terminologia, *cf.* Holzberg, 2003.

³ Segundo Bianchet (2010, p.92), ainda que nosso conhecimento a respeito das fábulas milesianas seja escasso, podemos definir esse gênero como formado por narrativas curtas, em geral encaixadas em obras mais extensas, que apresentam um caráter imoral, irônico e divertido, expresso por temas pornográficos e sensacionalistas.

⁴ Harrison, 2003, p.501.

suas sucessivas aventuras, e, de outro lado, as histórias que ele escuta com suas orelhonas sempre atentas. Embora esse brevíssimo resumo seja inepto para apresentar condignamente uma obra tão vasta e rica de elementos simbólicos, ele nos indica um dos aspectos que mais fama deram ao romance do madaurensis: a inserção de narrativas secundárias à narrativa principal. O conto de amor de Eros e Psiquê, por exemplo, que é uma das narrativas mais conhecidas da literatura latina, está inserido no livro IV-VI das *Metamorfoses*, um conto narrado por uma velha ama para acalmar a jovem que fora sequestrada – tema este bastante corrente nos romances antigos. Lúcio, já com a forma de asno, fora roubado de seu amo por esses mesmos ladrões, e está no lugar certo e na hora certa para escutar o conto e transmiti-lo a nós.

Fruto, segundo Bakhtin (1981), da cosmovisão carnavalesca, o romance antigo em Roma tinha grande influência da sátira menipeia, gênero literário que deve seu nome ao filósofo grego Menipo, que no século III a.C. deu ao gênero uma forma mais acabada. Entre as principais características da sátira menipeia, apontamos o caráter cômico e satírico que produz o rebaixamento da tradição mítico-religiosa, a grande liberdade de invenção e fantasia – as narrativas não mais se baseiam nas lendas e mitos – e um caráter ideológico-filosófico que perpassa à aventura narrada.

Ele se formou na época da desintegração da tradição popular nacional, da destruição daquelas normas éticas que constituíam o ideal antigo do “agradável” (beleza-dignidade) numa época de luta tensa entre inúmeras escolas e tendências religiosas e filosóficas heterogêneas (BAKHTIN, 1981, p.102).

Para Bakhtin, as *Metamorfoses* de Apuleio, como o *Satýricon* de Petrónio, são sátiras menipeias desenvolvidas à maneira romanesca. Essa apreciação do texto de Apuleio fica evidente ao considerarmos o elevado caráter cômico e paródico do romance, jogando o tempo todo com a tradição literária para criar um discurso ambivalente que reverbera não o mundo elevado da épica, mas o mundo rebaixado da sátira menipeia. A paródia é um elemento essencial à sátira menipeia e a tudo quanto seja gênero carnalizado, pois na paródia “[...] o autor fala a linguagem do outro, porém, diferentemente da estilização, reveste essa linguagem de orientação significativa diametralmente oposta à orientação do outro” (BAKHTIN, 1981, p.168), ou seja, no discurso parodístico, usa-se as mesmas palavras do texto parodiado para significarem coisas diferentes ou até mesmo opostas. Conforme Odil (1993, p.49).

A paródia carnavalesca é a paródia dialógica e não uma simples “negação pobre do parodiado”. Ela é ambivalente, joga com diferentes imagens que se parodiam umas às outras de diversas maneiras e sob diferentes pontos de vista. Para Bakhtin, é esta a paródia carnavalesca da Antiguidade, do Renascimento e dos duplos parodiadores em Dostoievski. Ela não é simplesmente negação; ao contrário, o que é negado o é para superar-se: a morte de um significa o renovar-se em direção a um outro.

O romance antigo é o sucessor da épica como uma longa narrativa ficcional mista (BRANDÃO, 2005, p.218), e o débito com a poesia épica faz parte essencial da linguagem do romance antigo, com seus jogos de aproximação e distanciamento de temas e técnicas narrativas, e é, portanto, natural que a épica seja recorrentemente amofinada por esse discurso parodístico. Conforme Harrison⁵ (2003, p.515), há muitos elementos de imitação da épica na obra de Apuleio, especialmente na semelhante postura do narrador-Lúcio com a de Odisseu, como narrador-testemunha das suas próprias aventuras maravilhosas.

Apuleio é consciente da tradição do romance grego idealizante, os quais devem muito à *Odisseia*, mas as detalhadas reformulações de Apuleio da épica grega e romana em episódios particulares devem ser notadas como tal, e são de uma espécie diferente de imitação daquele uso da épica no romance grego⁶ (HARRISON, 2003, p.516).

A narrativa de viagem é bastante característica na literatura grega, embora essa tradição deva ser debitada primeiramente às antigas culturas mesopotâmicas (BRANDÃO, 2005, p.232). A característica essencial e diferenciadora grega para o gênero é a curiosidade, já representada em Odisseu, modelo grego de viajante curioso. Ainda que o herói tenha sido levado a viajar não por vontade própria, mas pela perseguição de Poseidon, Odisseu demonstra sempre o interesse em conhecer os lugares

⁵ As análises de Harrison a respeito da imitação de Apuleio com as épicas antigas podem ser vistas nos artigos “Some Odyssean Scenes in Apuleius’ *Metamorphoses*” (1990) e “From Epic to Novel: Apuleius’ *Metamorphoses* and Vergil’s *Aeneid*” (1997), “Apuleius and Homer: Some Traces of the *Iliad* in the *Metamorphoses*” (2009).

⁶ Tradução nossa. No original: Apuleius is conscious of the tradition of Greek ideal novel, which owes more than a little to the Odyssey, but Apuleius’s detailed reworkings of both Greek and Roman epic in particular episodes are meant to be noticed as such, and are of a different order of imitation from the use of epic in the Greek novel

e os povos que habitam as regiões (*πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω*, *Od.* I.3) que aporta. Esse seu caráter o tornou “modelo para toda a casta de narradores de viagem da Grécia: historiadores, geógrafos, periegetas e, naturalmente, romancistas.” (BRANDÃO, 2005, p.232)

No início da narrativa, Lúcio, ao encontrar outros dois viajantes, escuta um deles acusando o outro de contar histórias absurdas e mentirosas (*tam absurda tamque immania mentiundo*, I.2) e como está sempre ávido por novidade (*Isto accepto sititor alioquin nouitatis*, I.2), os interpela. Embora na sequência ele diga que não é um homem curioso (*curiosum*, I.2), a sua primeira aparição da narrativa já demonstra esse aspecto fundamental de seu caráter, a curiosidade, que lhe causará o mal quando, estimulado por ela, convence a sua amante, a escrava Fótis, a lhe entregar o unguento que poderia lhe transformar em ave, mas como a escrava se equivoca com os frascos, ele acaba se metamorfoseando em asno. Pode-se pensar, nesse caso, que, em uma narrativa cujas metamorfoses ludibriam as reais aparências, e as mentiras parecem tão reais, Lúcio afirma-se não curioso justamente para poder saciar a sua curiosidade e a obstinação com que tenta convencer o viandante a contar a sua história é prova evidente de sua mentira inicial.

Sob essa específica característica, Bakhtin (2002) separa os romances gregos dos romances latinos em dois tipos, pois, enquanto naqueles a τύχη, o acaso ou a fortuna, é imposta pelas divindades, especialmente por Eros, brincalhão, que sujeita os homens, no *Satýricon* e nas *Metamorfoses*, a τύχη é primeiramente buscada pela personagem e as forças divinas surgem apenas em decorrência dessa primeira busca. Desse modo, “O acaso que leva Lúcio a transformar-se em asno não é, portanto, tão casual, pois só por meio dele que a personagem consegue, de fato, satisfazer sua curiosidade” (BRANDÃO, 2005, p.235).

A forma de asno, portanto, permite que o personagem satisfaça a sua curiosidade, o elemento caracterizador da personagem que, desde o início, foi o estopim da ação. O próprio Lúcio, no livro IX.13, diz que, em sua forma de asno, as pessoas se aproximavam dele falando e agindo livremente (*et agunt et loquuntur*), como se estivessem sozinhas, e isso permitiu que ele satisfizesse mais sua curiosidade (*ingenita curiositas*) do que quando tinha a forma humana. Agradecendo o conhecimento conseguido pela metamorfose, Lúcio busca aproximar-se de Odisseu, lembrando que Homero, para encarnar nessa personagem a essência da sabedoria humana, o fez um viajante que muito cidades e povos

conheceu. Já no início da narrativa, enquanto tenta convencer o viajante a narrar a sua história, Lúcio provoca o companheiro de viagem afirmando que ele, cético, fecha as orelhas e o entendimento a um fato verídico (*Tu uero crassis auribus et obstinato corde respuis quae forsitan uere perhibeantur*, I.3).

De acordo com Graverini (2007, p.139-140), retoma-se nessas passagens uma discussão bastante comum na historiografia antiga, a possibilidade de se obter um conhecimento válido através da ἀκοή, da audição. Desde Tucídides, os historiadores gregos, e também os filósofos, davam preferência ao conhecimento obtido através da ὄψις, a visão, a testemunha direta, em detrimento do conhecimento secundário obtido através da fala de terceiros. Odisseu, para historiadores como Políbio e Luciano de Samóstata, era um grande mentiroso e os Feácios, que admiravam as suas histórias, ingênuos por darem crédito ao seu discurso, e é a esse homem que Lúcio não só busca se assemelhar, mas até o classifica como a essência da sabedoria humana. Independentemente da “qualidade dos fatos narrados”, importa a experiência humana como fonte da sabedoria e essa experiência é vinculada mais ao que Lúcio ouviu do que viu (GRAVERINI, 2007, p.143)

Ressaltamos essa particularidade do texto de Apuleio, já que o trecho, para o qual propusemos uma tradução e análise, é composto pela narrativa de um ladrão, que Lúcio escuta após ser roubado da casa de Milão de Hípata. A cena que nomeamos de “Canto dos ladrões” encontra-se no quarto livro das *Metamorfoses* de Apuleio, um pouco antes de se iniciar o conto de “Eros e Psiqué” e, até onde se pôde apurar, trata-se de uma invenção de Apuleio, dado que não consta na versão de Luciano. Entendemos que essa cena, o “Canto dos ladrões”, compõe-se como uma paródia do estilo épico, daí o título que demos para a cena, retomando tanto o fato de os ladrões estarem em um “acampamento”, encantoados, quanto à ideia de se tratar de uma narrativa fingidamente épica.

Conforme a *Retórica a Herênio* (4.10-15), há três tipos de gênero do discurso, o grave, o médio e o simples. No gênero grave, o discurso deve acomodar aos assuntos elevados um léxico elevado; a épica, por exemplo, deve tratar de guerras de homens nobres e deuses, seres, conforme Aristóteles (*Poética*, 1448a), superiores, mas deve, além

disso, fazê-lo em um metro adequado, o hexâmetro, com uma dicção adequado⁷. Na sua *Arte Poética*, Horácio retoma essa ideia ao dizer que cada tema “tenha seu estilo adequado” (v.91), e, embora o “cômico não quer se expor em versos trágicos” (v.89), às vezes “a comédia eleva a voz,/ e o irado Cremes polemiza altiloquente” (v.93-94). A paródia constitui-se, portanto, da combinação de um tema baixo com uma eloquência elevada, de personagens inferiores que cometem ações baixas e uma narração grandiloquente que busca dar um caráter épico a elas.

O poema grego *Batracomiomaquia*, de autor anônimo, mas que foi durante muito tempo atribuído a Homero, é um bom exemplo de paródia épica, em que a dicção homérica (hexâmetros, epítetos, símiles) é usada para narrar a grandiosa guerra entre rãs e ratos. Do mesmo modo, no “Canto dos Ladrões”, os personagens presentes nessa narrativa são baixos (ladrões, velhas, homens velhacos), assim como as suas ações, porém o narrador, na ânsia de engrandecer seus feitos, busca adjetivar as personagens e a situação com o tom épico e construções sintáticas complexas, criando assim uma elocução elevada.

Embora aparentemente uma narrativa secundária sem o brilho e fama da já mencionada Eros e Psiqué, “O Canto dos Ladrões” problematiza as relações de metamorfose que se encontram por toda a narrativa. Segundo Svendsen (1983, p.23), as narrativas secundárias das *Metamorfoses* se espelham, refletindo, refratando e destilando temas e motivos fundamentais da narrativa principal e justamente esse “espelhamento” entre as partes é que garantem a unidade da narrativa. Desse modo, a breve análise que se segue do texto propõe examinar os elementos que configuram uma paródia do gênero épico e a relação da cena com o tema principal da narrativa das *Metamorfoses*.

⁷ Conforme Aristóteles (*Poética*, 1469a), o verso heroico, ou seja, o hexâmetro, é o único adequado à epopeia, por ser o verso mais grave.

II. OS LADRÕES E(M) SEU CANTO.

A cena “O canto dos ladrões” se inicia como uma resposta de um dos ladrões à acusação do líder do bando de que ele, com seu grupo, retornava do assalto apenas com tranqueiras e sem o seu líder Lâmaco. A acusação se faz pelo fato de que, enquanto alguns ladrões foram assaltar a casa de Milão de Hípata, onde conseguiram muitas riquezas, dentre as quais o asno-Lúcio, aqueles outros ladrões foram assaltar casas menores, de homens menos ricos e, mesmo assim, retornavam com muito menos espólios. A resposta do ladrão, que se manterá anônimo durante toda a cena, é a de que “Então, só tu ignoras que as casas maiores são, de longe, mais fáceis de serem assaltadas?” (4.8). A partir desse mote ele passará a contar o que aconteceu durante os assaltos em Tebas e Plateia, cidades beócias, região que, na comédia de Aristófanes, era representada por uma população de tolos e broncos, porém bastante valentes. Como observa Adkins (2014, p.49), o discurso do segundo ladrão é todo estruturado como um discurso de defesa, organizado com uma introdução formal (*prooimion*, 4.9), narração dos eventos (*narratio*, 4.9-21) e a conclusão (*epilogus*, 4.21), e se apropria de uma linguagem épica e militar para apresentar-se como um grupo militarmente organizado (ADKINS, 2014, p.47). Essa apropriação é feita na tentativa do ladrão de engrandecer a ação para justificar o mau resultado do roubo e cria o humor pela ambivalência entre discurso sério e ação baixa, entre discurso elevado e um assalto insignificante.

O trecho apresenta três tentativas malogradas de assalto, em que três dos assaltantes são mortos: Lâmaco, Alcimo e Trasileão.

O primeiro dos ladrões a ter a história narrada é Lâmaco, nome grego formado pelo radical μάχη, batalha, e pelo prefixo λα- que indica ênfase, e que remete ao general grego que morreu em Siracusa em 414 a.C., durante a expedição na Sicília na Guerra do Peloponeso. Este general fora representado comicamente por Aristófanes na comédia *Acarnenses* (425 a.C.) como um homem “louco pela guerra”. O Lâmaco de Apuleio, como um verdadeiro militar, é descrito como “nosso general” (*ducis nostri*, 4.10), “sublime entre os falsários” (*sublimis ille vexillarius noster Lamachus*, 4.10), “o varão de excelsa alma e virtude distinta” (*vir sublimis animi virtutisque*, 4.11) e “chefe magnânimo” (*magnanimi ducis*, 4.11).

Essa descrição de Lâmaco feita pelo ladrão enquadra-se em um modelo epicizante, ao sublinhar pontos que se conectam com o tipo de ideal evocado neste tipo de discurso:

a exaltação hiperbólica da coragem, a equiparação do ladrão a reis e generais egrégios e a própria ideia de que as ações do ladrão em vida seriam dignas de ser celebradas pela memória, o que equivale dizer, ser digna de um ἔπος, de uma epopeia. Na *Iliada*, o κλέος⁸, a glória imorredoura alcançada pelo guerreiro em campo de batalha, é a maior conquista que herói épico almeja, embora ela seja resultado não só da sua ἀριστεία, a excelência guerreira, mas também da bela morte, que torna o corpo morto do herói em batalha a sua última imagem com que será para sempre lembrados (VERNANT, 1978, p.31-32). Além disso, o personagem é – como também o serão os outros ladrões presentes nessa narrativa – caracterizado pela palavra *uir*, varão, possuidor de uma virtude distinta. Conforme demonstra Rocha Pereira (1990, p.400), *virtutis*, etimologicamente aparentada a *uir*, em sua acepção mais literal significa “ser homem direito”. Segundo Rocha Pereira (1990, p.409), a evolução do conceito de *virtutis* é longo e repleto de nuances, mas que, de um modo geral, ele, de um sentido restrito de “valentia”, “coragem” no campo bélico, vai ganhando noções mais abstratas referentes às qualidades de caráter, significado este que foi influenciado especialmente pela filosofia estoica. Pode-se dizer, entretanto, que a *virtus* tradicional “[...] consiste em alcançar fama e glória pelos seus feitos”, ou seja, ressoa o conceito de ἀρετή homérica, a excelência aristocrática e guerreira que, por meio das suas ações, pode alavancar o homem à fama imorredoura (PEREIRA, 1990, p.405).

Os ladrões chegam à Tebas de Sete-Portas (*Thebas heptapylos*) e vão roubar a casa de Críseros, um homem que, embora possuísse grande riqueza, a escondia em meio aos trapos e a uma falsa pobreza. Seu nome é formado pelo substantivo grego χρυσός, “ouro”, e o uso do epíteto de “Sete-Portas” para referir-se a Tebas também é uma estratégia discursiva que visa, da parte do ladrão, engrandecer a jornada, e da parte de Apuleio, ridicularizar o discurso do ladrão⁹. Quanto a Críseros, tal personagem assemelha-se ao personagem cômico do Avarento, célebre nas comédias de Menandro e Plauto, que, embora rico, vive na penúria, mantendo em casa uma panela abarrotada de dinheiro com medo de ser roubado. Trata-se, portanto, de um personagem cômico, baixo.

⁸ Embora o κλέος na *Odisseia* ganhe novos significados, há que se ressaltar que Odisseu, enquanto tenta retornar para a sua casa, em várias passagens se ressentia de não ter morrido em Ílion e, conseqüentemente, ter se tornado imortal pelo canto épico.

⁹ Esse epíteto aparece em Homero, *Il.* 4.406 e *Od.* 11.263, retomando a lendária expedição dos Sete contra Tebas.

A fim de engrandecer a cena, o narrador qualifica o ladrão Lâmaco de “sublime entre os falsários, com o arrojo de sua já comprovada coragem” (*sublimis ille vexillariis noster Lamachus spectatae virtutis suae fiducia*, 4.10) e o avarento de “sem dúvida, o mais velhaco de todos os bípedes” (*dudum scilicet omnium bipedum nequissimus*, 4.10). O uso do termo *bipedum* é interessante se pensarmos que ele opõe os ladrões a Lúcio, em seu estado atual de quadrúpede. Lúcio, nesse momento, está alheio ao mundo dos bípedes, mas não seria ele, um humano em pele de asno, o mais velhaco de todos os quadrúpedes?

A paródia, já ressaltamos, é bivocal e, nessa cena, o riso surge do contraponto entre o discurso, elevado na esteira da épica, e tema, ladrões. No mundo carnavalizado da sátira de Apuleio, os valores se invertem, e enquanto o ladrão é representado por valores positivos como nobreza, coragem, o homem que tenta proteger-se e a sua riqueza dos ladrões é descrito como o mais velhaco de todos os bípedes. O herói converte-se em vilão.

A própria ação, descrita pelo ladrão como arrojada, não passa da simples introdução da mão de Lâmaco para tentar abrir a porta, mas no tom certo o discurso faz da ação um evento grandioso. Os ladrões, em sua primeira e ousada tentativa de roubo, fazem uso da *μῆτις*, a inteligência, em detrimento da força, *βίη*, pois temem que o barulho das portas sendo arrombadas acordem os vizinhos. A *μῆτις* de Lâmaco, entretanto, não é equiparável à de Odisseu, que, vestido de mendigo, adentra solitário as muralhas de Tróia (*Od.*, 4.235-264), e tentando abrir o trinco da porta acaba com a mão pregada na mesma por Críseros. Críseros, o mais velhaco dos bípedes, mostra-se possuidor de uma *μῆτις* mais elevada, já que, tendo prendido a mão do ladrão, sobe no teto de sua casinha e começa a gritar, não que estava sendo assaltado, mas sim que a casa estava tomada de fogo, criando assim o pânico entre os vizinhos. Corroborando a prudência e sagacidade Críseros, o próprio ladrão aponta que cada homem se preocupa apenas com suas próprias coisas e, para ser ajudado, o pobre homem ao invés de pedir ajuda, atíça nos vizinhos o medo.

Diante dessa situação, os ladrões tentam salvar o chefe Lâmaco, cortando a sua mão presa, mas, não conseguindo carregá-lo no meio da multidão,

o varão de excelsa alma e virtude distinta [...] nos exorta, pela **destra de Marte e pela fé ao juramento**, que libertássemos um **bom companheiro de armas**, ao mesmo tempo, da dor e do cativo. Porque quer um ladrão forte, que só sabe rapinar e degolar, sobreviver sem a mão? Mais feliz aquele que sucumbe voluntariamente pela mão de um companheiro. Em todo caso, não conseguia persuadir a nenhum de nós o espontâneo **parricídio** que exortava, e, tendo agarrado com a

mão restante sua espada e **a beijado por muito tempo, transpassa com um golpe fortíssimo o imo peito** (*grifo nosso*, 4.11)

Novamente Lâmaco é tratado como um homem de elevado senso moral que aceita a morte “no campo de batalha”, a bela morte, um suicídio feito para salvar a si mesmo de um cativo indigno de um herói. É claro que também os ladrões, homens tão nobres quanto seu líder, não demonstram coragem para matar Lâmaco, então ele acaba enfiando a espada em seu próprio peito. A referência à Marte, o deus da guerra, ao juramento como símbolo do código de honra, e aos repetidos beijos dado pelo ladrão em sua espada antes de enfiá-la em si mesmo, ajudam a criar o tom épico na caracterização do personagem do valoroso líder cuja vida termina com os dignos funerais: os ladrões enrolam o corpo de Lâmaco em um manto de linho e o jogam no mar, embora, como observa Adkins (2014, p.51), Tebas não tenha saída para o litoral.

O suicídio em Roma era visto como um ato nobre, defendido, por exemplo, pelos estoicos que o legitimavam em casos de devoção à pátria ou a familiares e amigos (OLIVEIRA, 1994, p.67). Uma passagem da *Farsália* de Lucano é elucidativa nesse sentido: o general Vulteio, vendo sua balsa cercada e sem meios de vencer a batalha, exorta seus soldados a se matarem, como prova de lealdade (*fides*) a César (4. v.500-502), e, assim, conseguirem uma alta fama (4. v.509). Os soldados cumprem a ordem de Vulteio:

[...] Já de sangue
repleta a balsa estava e o vencedor cremava
os corpos: causou pasmo aos generais o quanto
valia um general. Correu o mundo a Fama
e nunca de uma balsa tanto ela falou¹⁰ (*Farsália*, 4. v.570-574)

Desse modo, o suicídio ganha ares de heroísmo, convertido em um ato que demonstra, além da coragem, a lealdade para com seus pares. Nesse sentido, Lâmaco demonstra uma alta virtude ao se matar, pois o faz para ajudar os seus camaradas de

¹⁰ Tradução de Brunno V. G. Vieira. No original:

[...] iam strage cruenta
conspicitur cumulata ratis, butisque remittunt
corpora uictores, ducibus mirantibus ulli
esse duces tanti. Nulam maiore locuta est
ore ratem totum discurrens Fama per orbem.

banditismo a fugirem. O termo *fides* que aparece vinculado ao juramento feito pelos bandidos denota o alto valor dado à palavra do ladrão que cumpre com os deveres estabelecidos por eles. Desse modo, a trajetória de Lâmaco ressoa vários elementos que configuram um típico herói épico.

O narrador passa então a contar a ação de Alcimo (4.12), cujo nome provém da palavra grega ἄλκιμος, corajoso, forte, robusto. Das três histórias esta é a mais curta e a com menor referências ao discurso épico. Alcimo invade a casa de uma velha senhora, e, enquanto está jogando as coisas pela janela, a velha acorda e o engana, dizendo que a casa da frente tinha maiores riquezas. Ludibriado pela ambição, ele sobe na janela e a velha se aproveita de seu vacilo e o empurra, fazendo-o cair com as costas em uma pedra. A narração da cena em que Alcimo está na janela, pendurado, é interessante pois o narrador se utiliza de uma série de orações subordinadas que criam, além de um determinado suspense sobre o resultado da ação, também a imagem concreta do ladrão balançando suspenso na janela.

Na mais cômica das três cenas, se há um menor número de adjetivação elevada, porém, há algumas palavras baixas que destoam do tom elevado que o narrador quer passar. Por exemplo, o narrador se refere à casa da velha como *turgiolo*, cabaninha, uma palavra que denota a baixa condição social da velha, corroborada pela própria descrição que ela faz de seus bens como “coisinhas pobres e esfarrapadas de uma pobre velhinha” (*paupertinas pannosasque resculas miserrimae anus*, 4.12). Diferentemente de Criseros, portanto, ela não possui riqueza alguma, o que torna ainda mais descompassado o teor elevado do discurso. O cômico, então, nasce do desajuste entre a eloquência elevada do narrador que busca engrandecer a ação de Alcimo que, em verdade, é baixa, medíocre. A velha, inclusive, é a única das personagens desse trecho que não possuem nome próprio, pois, como personagem cômica, ela refere-se mais a um tipo social do que a um indivíduo determinado.

A morte de Alcimos é atribuída pelo ladrão à cruel Fortuna, pois ela ocorreu apesar de seus “engenhosos planos” (*sollertibus coeptis*, 4.12). Alcimos, no entanto, comete uma série de erros e seus engenhosos planos se revelam não eram tão engenhosos assim: primeiramente, não mata a velha e, depois de jogar as coisas do quarto pela janela, tenta jogar a cama em que a velha está dormindo. Em seguida, é facilmente enganado pela velha que é descrita como “pilantríssima” (*nequissima*), dotada de uma “lábria engenhosa e astuta” (*sermone callido et astu*). Podemos observar, portanto, que os dois ladrões são

caracterizados mais pela força e coragem do que pela inteligência, que está ao lado dos cidadãos que defendem as suas posses. Lâmaco e Alcimo tentam usar da astúcia, mas são derrotados pela μήτις de Críseros e da velha, e esta valiosa lição será fundamental para a terceira das cenas que o ladrão narra.

Depois da fracassada campanha em Tebas, os ladrões descem até a cidade de Plateia que, como Tebas, também tem um passado militar glorioso. Durante as Guerras Médicas, foi a única aliada de Atenas na planície de Maratona em 490 a.C. e, na Guerra do Peloponeso, novamente aliada de Atenas, aguentou durante dois anos o cerco dos espartanos, em 429-427 a.C. Em Plateia, os ladrões tentaram roubar Demócares, um homem bastante rico que gostava de promover jogos gladiatórios para o povo. O nome Demócares é formado pelas palavras δῆμος, povo, e χάρις, graça, prazer ou benefício para agradar o povo. Demócares, de fato, é um “varão excelente pela origem, abundante pela riqueza e notável pela generosidade” (*vir et genere primarius et opibus plurimus et liberalitate praecipuus*, 4.13) e os jogos que promovia eram repletos de recursos tão singulares e maravilhosos que o narrador diz que não há eloquência capaz de descrevê-los. Porém, o que mais chamava a atenção era a quantidade de grandes feras que Demócares mantinha, seja por caça, seja por ter recebido como presentes. No entanto, toda essa riqueza não “escapou aos olhos nocivos da Inveja” (*invidiae noxios effugit oculos*, 4.14) e os animais contraíram uma peste e começaram a morrer. Demócares, então, tenta se livrar dos animais espalhando-os pela cidade e a população faminta, em imenso contraste em relação à riqueza de Demócares, encontra nos animais mortos alimento.

Aproveitando-se dessa situação, os ladrões têm um plano, este sim repleto de μήτις: eles escolhem uma enorme ursa dentre as feras mortas, a levam até o acampamento e, enquanto comem da carne do animal, tiram-lhe o couro e planejam colocar dentro dele um dos ladrões e doar essa falsa-ursa para Demócares, como um regalo de seus amigos. Com o ladrão-ursa dentro da casa de Demócares, ele, à noite, deveria abrir as portas da casa para os ladrões entrarem. A cena remete à história do Cavalo de Troia quando os gregos, incapacitados de entrarem nas muralhas de Tróia pela força, usam deste dolo para conseguirem a vitória; assim como os gregos, que fingem ter ido embora de Tróia, deixando o cavalo de madeira como presente, enchido de homens, os ladrões entregam a falsa ursa como um presente para Demócares que, encantado com o animal, é enganado pelos ladrões.

Nos parece que a paródia feita por Apuleio remete mais à versão virgiliana (*Eneida*, II) da narrativa do Cavalo de Tróia do que à versão homérica (*Odisseia*, VIII.470-520), bem mais enxuta. Eneias, ao narrar a história para Dido, conta que os gregos que adentraram o cavalo de madeira foram sorteados, mas eram “os guerreiros de mais valor” (*Eneida*, II.18-19). O mesmo paralelo é feito com Trasileão, eleito pelos comparsas por possuir as qualidades físicas e morais de um verdadeiro *uir*. Além disso, Demócares, assim como os troianos que inicialmente relutam em aceitar o presente dos gregos, coloca um entrave para o plano dos ladrões: deseja levar o animal para um parque, longe da casa. O ladrão, narrador do conto, no entanto, o engana com seu discurso artiloso, assim como o grego Sinão, com palavras artilosas, enganara os troianos (*Eneida*, II.76-197).

É interessante, nessa paródia, que, além da referência ao cavalo grego, implicitamente há uma brincadeira com a própria história do asno de ouro, já que Lúcio, tal como o ladrão, é um homem revestido da pele de um animal. A falsa metamorfose, a do ladrão, espelha a metamorfose real, a de Lúcio.

O ladrão escolhido para a missão é Trasileão, descrito como “superior ao resto não só no físico, mas ainda mais no vigor da alma” (*qui corporis adeo sed animi robore ceteris antistaret*, 4.14). O nome Trasileão é composto das palavras θρασύς, destemido, corajoso, e λέων, leão, ou seja, seu nome também já prenuncia uma metamorfose – o bravo-leão em pele de urso. Como Lâmaco, ele é descrito com a mesma linguagem épica e militar, e o narrador faz questão constantemente de afirmar que Trasileão se ofereceu de boa vontade para ser o objeto da metamorfose, indicando sua desmedida coragem. Como os gregos no cavalo de Tróia, Trasileão precisa abrir as portas da casa de Demócares à noite para a entrada dos bandidos, que, enquanto roubam, acordam os cães que perseguem a urso-leão. Prostrado na porta da casa, vigiando, o narrador assiste à perseguição que os habitantes da casa, com seus furiosos cães, efetuam, colimando com a terrível morte de Trasileão. O narrador acrescenta que, embora estivesse sendo castigado, Trasileão protege os companheiros, mantendo a todo custo o disfarce de fera. Metamorfoseado, Trasileão, como Lúcio, só consegue se comunicar com grunhidos e mugidos; o animal assume o homem, este está enclausurado em sua própria jaula.

Para Svendsen (1983, p.28), a morte de Trasileão é um sinal de advertência para Lúcio dos perigos que a metamorfose pode impor ao homem. Há que se ressaltar que ainda estamos no começo das aventuras de Lúcio como asno e, desse modo, essa narrativa

está problematizando as dificuldades que ele terá no decorrer da história. No entanto, há que se ressaltar o valor da μήτις nessas narrativas. Conforme demonstramos, ela tem papel essencial no “Canto dos ladrões”, pois foi ela que salvou Críseros e a velha e foi ela também que ajudou os ladrões a roubarem Demócares (embora Trasileão tenha sido assassinado). A μήτις é importantíssima para Lúcio, à medida que na posição de asno que, se encontra, é através de sua capacidade mental humana que ele consegue a sua salvação.

As histórias, portanto, narradas pelo ladrão apresentam, de um lado, elementos que parodiam o discurso épico, na tentativa do narrador de engrandecer as suas ações criminosas, com o uso de uma linguagem militar e épica; de outro lado, a narrativa traz elementos que coadunam com o todo da narrativa, a importância da μήτις como elemento salvador e os perigos que decorrem da metamorfose.

III. Sobre a tradução

O trabalho de tradução envolve, sempre, um projeto que conduz o tradutor em uma viagem de escolhas, mais ou menos bem-sucedidas, mais ou menos felizes. Nossa tradução versou sobre as questões que levantamos nesse trabalho, ou seja, a paródia do discurso épico na cena “O Canto dos Ladrões” das *Metamorfoses* de Apuleio. Tendo este horizonte em mente, buscamos criar em vernáculo elementos que nos parecem essenciais no texto original, em especial essa bivocalidade do discurso do narrador que, tentando engrandecer a sua história com um discurso empolado, acaba criando o riso justamente pelo descompasso entre discurso elevado e ação baixa. Nesse sentido, aproveitamos algumas fórmulas tradicionais em traduções dos épicos antigos em nossa tradução, como em *Met.* IV.11, em que usamos a expressão “imo peito” para traduzir *per medium pectus*, ou em *Met.* IV.18, em que usamos o epíteto iliádico de Aquiles, “pés velozes”, para traduzir *concito gradu*.

Outro aspecto interessante do texto de Apuleio que buscamos manter é o empolamento do discurso do ladrão que muitas vezes se torna confuso, com construções sintáticas complexas. A tradução de 1963 de Ruth Guimarães, por exemplo, busca clarear essas dificuldades textuais, organizando em português as orações subordinadas de modo a tornar o conteúdo mais apetecível para o leitor. Acreditamos, no entanto, que isso acaba por infringir o próprio objetivo do texto de Apuleio, que faz uso desses trechos complicados, justamente, nas cenas de maior ação e movimentação. Em *Met.* IV.12, por exemplo, o intrincado jogo sintático criado, nos parece, visa a recriar pelo acúmulo de subordinadas a própria confusão da cena, em que o personagem Alcimo, acaba sendo enganado e derrubado da janela pela velha que protege as riquezas de seu quarto.

Ressaltamos ainda, em nossa tradução, o uso de adjetivos hiperbólicos e vocábulos cuja etimologia ressoava, para nós, bastante significativos no texto original. A respeito deste, seguimos o texto editado por Robertson (2007), da coleção Les Belles Lettres.

Apuleio – Metamorfoses (IV.8-22)

O Canto dos Ladrões

Tradução e notas

[8] Commodum¹ cubuerant et ecce quidam longe plures numero iuvenes adveniunt alii, quos incunctanter adaeque latrones arbitrarere. Nam et ipsi praedas aureorum argentariorumque nummorum ac vasculorum vestisque sericae et intextae filis aureis invehebant. Hi simili lavacro refoti inter toros sociorum sese reponunt, tunc sorte ducti ministerium faciunt. Estur ac potatur incondite, pulmentis acervatim, panibus aggeratim, poculis agminatim ingestis. Clamore ludunt, strepitu cantillant, conviciis iocantur, ac iam cetera semiferis Lapithis [tebcinibus]² Centaurisque <semihominibus> similia. Tunc inter eos unus, qui robore ceteros antistabat: ‘Nos quidem’ inquit ‘ <qui> Milonis Hypatini domum fortiter expugnnavimus, praeter tantam fortunae copiam, quam nostra virtute nacti sumus, et incolumi numero castra nostra petivimus et, si quid ad rem facit, octo pedibus auctiores remeavimus. At vos, qui Boeotias urbes appetistis, ipso duce vestro fortissimo Lamacho deminuti debilem numerum reduxistis, cuius salutem merito sarcinis istis quas advexistis omnibus antetulerim. Sed illum quidem utcumque nimia virtus sua peremit; inter inclitos reges ac duces proeliorum tanti viri memoria celebrabitur.

¹ Seguimos, para a nossa tradução, o texto editado por Robertson (2007), da coleção Les Belles Lettres.

² Essa passagem apresenta grandes dificuldades de leitura nos papiros e um grande número de propostas tem sido levantadas para resolver o significado de *tebcinibus*. Segundo Gaselee (Apuleius, 1958), Hensius propõe uma emenda para *tebainibus*. Helm (1931) sugere a palavra *cenantibus*, que, para Hijmans (1977), embora seja possível do ponto de vista paleográfico, apresenta um significado um pouco raso, por isso ele prefere a palavra *tuburcinantibus*, do verbo *tuburcinor*, comer sofregamente, que aparece em outras ocasiões em Apuleio.

[8] Oportunamente, estávamos deitados, e eis que à certa distância outros jovens chegam em grande número, os quais sem hesitação tu igualmente julgarias como ladrões. Ora, também eles traziam despojos, moedas e vasilhas de ouro e prata, vestes de seda, entrelaçadas com fios de ouro: estes, refeitos em mesmo lavatório, se reclinam em leitos junto a seus companheiros, depois que, pela sorte, os sorteados cumprem o seu serviço. Come-se e bebe-se a torto e a direito, iguarias aos montes, pães às fornadas e copos copiosamente entornados; com brados brincam, com estrépito cantam, com injurias zombam, e em pouco tempo, eram símiles às comilanças de Lápitais³, semíferas, e de Centauros, semi-homens. Então um deles, que superava os outros em vigor, disse: “Nós, de fato, que assaltamos valentemente a casa de Milão de Hípata, sem falar da tão copiosa fortuna que pela sorte e pela virtude conseguimos, incólumes e em grande número voltamos para nossa fortaleza, e se isto contribui ao assunto, retornamos oito vezes mais ricos em pernas. Mas vós, que atacastes as cidades beócias, voltastes com uma tropa débil, tendo perdido o próprio líder, o valentíssimo Lâmaco⁴, cuja salvação me seria mais preciosa do que toda essa tranqueira que trouxestes. Mas enfim, foi a demasiada coragem dele que o matou. Entre os egrégios reis e generais de guerreiros será celebrada a memória de tamanho varão.

³ Lápitais são um povo da Tessália, que intervém em diversas lendas da mitologia antiga. Em uma delas, ajudaram Teseu e Piríto a expulsar os Centauros da Tessália. Piríto convidou os Centauros para seu casamento com Hipodâmia, mas eles, como não estavam acostumados a beber, ficaram extremamente embriagados e um dos Centauros tentou violentar Hipodâmia, iniciando uma grande luta entre eles, que terminará com a vitória dos Lápitais.

⁴ Lâmaco, “o que ama a guerra”, é um nome formado pelo substantivo *μαχή*, guerra, e pelo prefixo *λα-* que indica ênfase, e que remete ao general grego que morreu em Siracusa em 414 a.C., durante a expedição na Sicília na Guerra do Peloponeso.

Enim vos bonae frugi latrones inter furta parva atque servilia timidule per balneas et aniles cellulas reptantes scrutariam facitis.’

[9] Suscipit unus ex illo posteriore numero: ‘Tunc solus ignoras longe faciliores ad expugnandum domui esse maiores? Quippe quod, licet numerosa familia latis deversetur aedibus, tamen quisque magis suae saluti quam domini consulat opibus. Frugi autem et solitarii homines fortunam parvam vel certe satis amplam dissimulanter obtectam protegunt acrius et sanguinis sui periculo muniunt. Res ipsa denique fidem sermoni meo dabit. Vix enim Thebas heptapylos accessimus: quod est huic disciplinae primarum studium, [sed dum] sedulo fortunas inquirebamus popularium; nec nos denique latuit Chryseros quidam nummularius copiosae pecuniae dominus, qui metu officiorum ac munerum publicorum magnis artibus magnam dissimulabat opulentiam. Denique solus ac solitarius parva sed satis munita domuncula contentus, pannosus alioquin ac sordidus, aureos folles incubabat. Ergo placuit ad hunc primum ferremus aditum, ut contempta pugna manus unicae nullo negotio cunctis opibus otiose potiremur.

[10] Nec mora, cum noctis initio foribus eius praestolamur, quas neque sublevare neque dimovere ac ne perfringere quidem nobis videbatur, ne vulvarum sonus cunctam viciniam nostri suscicaret exitio.

⁵ Esse epíteto aparece em Homero, *Il.* 4.406 e *Od.* 11.263, retomando a lendária expedição dos Sete contra Tebas.

De fato, vós, bons e pobres ladrões, no meio de furtos pequenos e próprios de escravos, arrastando-se medrosamente nos banhos e nos quatinhos das velhas, vos tornastes mercadores de quinquilharias’.

[9] Um daquele último bando respondeu: “Então, só tu ignoras que as casas maiores são, de longe, mais fáceis de serem assaltadas? Sem dúvida que, embora em casas espaçosas uma numerosa família seja hospedada, entretanto, cada um se ocupa antes com sua salvação do que com as riquezas do seu senhor. Ao passo que os homens pobres e solitários com fortuna parca ou, em poucos casos, bastante ampla, e mantida em segredo, a protegem duramente e a defendem arriscando o próprio sangue. Esse caso, enfim, exporá a veracidade do meu discurso: Com efeito, tão logo chegamos à Tebas de Sete Portas⁵ – essa é a primeira tarefa dessa arte – inquiremos com zelo sobre as fortunas da população. E não nos foi ocultado que existia um certo Criseros⁶, banqueiro dono de copiosa riqueza, que por temor das obrigações e dos encargos públicos, dissimulava com grande habilidade a grande opulência. Em suma, só e solitário, contentando-se com uma casinha pobre, mas suficientemente munida e, além do mais, esfarrapado e sujo, deitava-se sobre sacos de ouro. Então, nos pareceu acertado que iniciássemos a abordagem por ele, pois seríamos possuidores, tranquilamente e sem nenhum esforço, de todos os seus bens. Desprezávamos assim a altivez de uma única mão.

[10] Sem demora, com o início da noite, aguardamos diante da sua porta, que não nos parecia bem nem derrubar, nem demover, nem arrombar, para que o som dos lábios da porta não acordasse toda vizinhança com a destruição.

⁶ Nome forjado a partir da palavra κρύσος, que significa ouro.

Tunc itaque sublimis ille vexillariis noster Lamachus spectatae virtutis suae fiducia, qua clavi immittendae foramen patebat, sensim inmissa manu claustrum evellere gestiebat, Sed dudum scilicet omnium bipedum nequissimus Chryseros vigilans et singula rerum sentiens lenem gradum et obnixum silentium tolerans paulatim adrepi, grandique clavo manum ducis nostri repente nisu fortissimo ad ostii tabulam officit et exitiabili nexu patibulatum relinquens gurgustioli sui tectum ascendit, atque inde contentissima voce clamitans rogansque vicinos et unum quemque proprio nomine ciens et salutis communis admonens diffamat incendio repentino domum suam possideri. Sic unus quisque proximi periculi confinio territus suppetiatum decurrunt anxii.

[11] Tunc nos in ancipiti periculo constituti vel opprimendi nostri vel deserendi socii remedium e re nata validum eo volente comminiscimus. Antesignani nostri partem, qua manus umerum subit, ictu per articulum medium temperato prorsus abscidimos, atque ibi brachio relicto, multis laciniis offulto vulnere ne stillae sanguinis vestigium proderent, ceterum Lamachum raptim reportamos. Ac dum trepidi religionis urgemur gravi tumultu et instantis periculi metu terremur ad fugam nec vel sequi prope vel remanere tuto potest vir sublimis animi virtutisque praecipuus, multis nos adfatibus multisque precibus querens adhortatur per dexteram Martis per fidem sacramenti bonum commilitonem cruciatu simul et captivitate liberaremos.

Sendo assim, aquele nosso Lâmaco, sublime entre os falsários, com o arrojo de sua já comprovada coragem, por onde se abria o buraco da chave cautelosamente enfiando a mão, ansiava por soltar o fecho. Porém, Criseros, sem dúvida, o mais velhaco de todos os bípedes, vigiando há algum tempo e percebendo cada um dos nossos comedidos passos, mantendo um absoluto silêncio, paulatinamente rastejou, e, de repente, com um grande cravo e um golpe fortíssimo, cravou a mão do nosso chefe no fecho da porta. Deixando-o preso ao patíbulo para a morte, subiu no teto de sua bodeguinha e de lá, com voz contentíssima, clamando e chamando os vizinhos, intimando cada um pelo próprio nome e exortando a salvação comum, inventa que sua casa foi tomada por um incêndio repentino: deste modo, cada um dos vizinhos, horrorizado pela proximidade do perigo próximo, corre em auxílio do desesperado.

[11] Assim, tomados por um perigo ambíguo, ou de sermos esmagados ou de abandonarmos nossos companheiros, imaginamos uma solução sólida, nascida da circunstância e consentida pelo chefe. Cortamos do nosso líder a parte que liga a mão ao ombro, com um golpe calculado, direto e bem no meio da articulação. Tendo largado o braço ali, com a ferida tapada por muitos trapos, para que as gotas não denunciasses vestígios de sangue, nós arrebatadamente carregamos o que restava de Lâmaco. Enquanto, assustados por um escrúpulo excessivo, éramos impelidos em grande desordem e, instados pelo medo do perigo, com terror éramos postos em fuga, sem poder nem seguir depressa nem permanecer em segurança, o varão de excelsa alma e virtude distinta, queixando-se com numerosas falas e numerosas súplicas, nos exorta, pela destra de Marte⁷ e pela fé ao juramento, que libertássemos um bom companheiro de armas, ao mesmo tempo, da dor e do cativo.

Cur enim manui, quae rapere et iugulare sola posset, fortem latronem supervivere? Sat se beatum qui manu socia volens occumberet. Cumque nulli

⁷ A referência à Marte, o deus da guerra, é paródica e busca dar um tom marcial ao suicídio de Lâmaco, já que o deus protetor dos ladrões era Mercúrio.

nostrum spontale parricidium suadens persuadere posset, manu reliqua sumptum gladium suum diuque deosculatum per medium pectus ictu fortissimo transadigit. Tunc nos magnanimi ducis vigore venerato corpus reliquum veste lintea diligenter convolutum mari celandum commisimus. Et nunc iacet noster Lamachus elemento toto sepultus.

[12] Et ille quidem dignum virtutibus suis vitae terminum posuit. Enim vero Alcimus sollertibus coeptis eo saevum Fortunae nutum non potuit adducere. Qui cum dormientis anus perfracto tuguriolo conscendisset cubiculum superius iamque protinus oblisis faucibus interstinguere eam debuisset, prius maluit rerum singula per latiore fenestram forinsecus nobis scilicet rapienda dispergere. Cumque iam cuncta rerum naviter emolitus nec toro quidem aniculae quiescentis parcere vellet eaque lectulo suo devoluta vestem stragulam subductam scilicet iactare similiter destinaret, genibus eius profusa sic nequissima illa deprecatur: ‘Quid, oro, fili, paupertinas pannosaque resculas miserimae anus donas vicinis divitibus, quorum haec fenestra domum prospicit?’ Quo sermone callido deceptus astu et vera quae dicta sunt credens Alcimus, verens scilicet ne et ea quae prius miserat quaeque postea missurus foret non sociis suis sed in alienos lares iam certus erroris abiceret, suspendit se fenestra sagaciter perspecturus omnia, praesertim domus attiguae, quam dixerat illa, fortunas arbitraturus.

Por que quer um ladrão forte, que só sabe rapinar e degolar, sobreviver sem a mão? Mais feliz aquele que sucumbe voluntariamente pela mão de um companheiro. Em todo caso, não conseguia persuadir a nenhum de nós o espontâneo parricídio que exortava, e, tendo agarrado com a mão restante sua espada e a beijado por muito tempo, transpassa com um golpe fortíssimo o imo peito. Depois de venerarmos o vigor do chefe magnânimo, e tendo envolvido diligentemente o resto do corpo em uma veste de linho, o confiamos ao mar que devia escondê-lo. E agora nosso Lâmaco jaz sepulto em um só elemento.

[12] Ele, de fato, deu à vida um fim digno de sua virtude. Com efeito, mesmo com seus engenhosos planos, Alcimo⁸ não pôde obter a boa-sorte da cruel fortuna. Depois que arrombou a cabaninha de uma velha que dormia, ele subiu no pavimento superior e, embora devesse matá-la imediatamente enforcando-a, preferiu primeiro arremessar cada uma de suas coisas a serem roubadas para fora da casa através de uma janela mais larga, para que nós, evidentemente, as agarrássemos. Em todo caso, tendo já removido todas as coisas diligentemente, não quis poupar nem mesmo o leito em que a velhinha repousava e, retirada a velha, pôs-se lançar igualmente o estrado sem o lençol. Ela, derramada aos joelhos, pilantríssima assim fala: “Rogo, meu filho”, disse ela, “por que doas essas coisinhas pobres e esfarrapadas de uma pobre velhinha para os vizinhos ricos, cuja casa essa janela dá de frente?”. Enganado pela lábia engenhosa e astuta e acreditando na veracidade do que ela dizia, e temendo, é claro, que também as coisas que arremessara primeiro, e as que ainda iria arremessar, não tivessem caído às mãos dos companheiros, mas nos lares vizinhos e já suspeitando do erro, ele pendurou-se na janela para examinar tudo atentamente, mas, principalmente, para averiguar a tal fortuna da casa contígua, de que a velha falara.

⁸ Nome forjado da palavra grega ἄλκιμος, corajoso, forte, robusto.

Quod eum strenue quidem sed satis improvide conantem senile illud facinus quamquam invalido repentino tamen et inopinato pulsu, nutantem ac pendulum et in prospectu alioquin attonitum praeceps inegit. Qui praeter altitudinem nimiam super quendam etiam vastissimum lapidem propter iacentem decidens perfracta diffissaque crate costarum rivos sanguinis vomens imitus narratisque nobis quae gesta sunt non diu cruciatus vitam evasit. Quem prioris exemplo sepulturae traditum bonum secutorem Lamacho dedimus.

[13] Tunc orbitatis duplici plaga petiti, iamque Thebanis conatibus abnuentes Plataeas proximam conscendimus civitatem. Ibi famam celebrem super quodam Demochare munus edituro gladiatorium deprehendimus. Nam vir et genere primarius et opibus plurimus et liberalitate praecipuus digno fortunae suae splendore publicas voluptates instruebat. Quis tantus ingenii, quis facundiae, qui singulas species apparatus multiiugi verbis idoneis posset explicare? Gladiatores isti famosae manus, venatores illi prolatae pernecitatis, alibi noxii perdita securitate suis epulis bestiarum saginas instruentes; confixilis machinae subpublicae, turres structae tabularum nexibus ad instar circumforaneae domus, florida pictura decora futurae venationis receptacula. Qui praeterea numerus, quae facies ferarum! Nam praecipuo studio forinsecus etiam advexerat generosa illa damnatorum capitum funera.

Quando ele, corajosamente é verdade, mas assaz imprudente, seguindo a pista da senil criminosa, embora de modo displicente, num impulso repentino e imediato, dependura-se e, penso na janela, atônito do que via, a velha o empurrou de cabeça. Caiu da grande altura sobre uma pedra grandíssima que ali havia; com as vértebras quebradas e rachadas, vomitava rios de sangue das entranhas – narramos tais coisas que aconteceram – e, não sofrendo por muito tempo, perdeu a vida. Para aquele bom companheiro, dedicamos, a exemplo do funeral de Lâmaco, as honras tradicionais.

[13] Nesse momento, atingidos pela pancada da dúplice privação e rejeitados pelos esforços dos Tebanos, para Plateia⁹, a cidade mais próxima, descemos. Aí, nessa cidade, ouvimos a célebre reputação sobre um espetáculo gladiatório a ser oferecido por um tal Demócares¹⁰. De fato, o varão, excelente por sua origem, abundante pelas riquezas, e notável pela generosidade, promovia os prazeres do povo com o digno esplendor de sua fortuna. Quem cheio de talento, quem cheio de eloquência, que variegados recursos poderiam descrever, com hábeis palavras, as suas singulares maravilhas? Aqui, gladiadores de mão famosa, ali caçadores de agilidade comprovada, acolá uns ladrõezinhos que, tendo perdido a garantia de suas próprias refeições, serviam de refeição das feras; máquinas de dardos entrelaçados, torres de madeiras entrelaçadas à semelhança de tendas de ambulantes, decorados com pintura florida e receptáculos para encenação de futuras caçadas. Além disso, que número e que aspecto das feras! De fato, com zelo notável, também importara publicamente aqueles magníficos funerais dos condenados à morte.

⁹ Plateia é uma cidade beócia, ao sul de Tebas.

¹⁰ O nome Demócares, “o que agrada o povo”, é formado pelas palavras δῆμος, povo, e χάρις, graça, prazer ou benefício.

Sed praeter ceteram speciosi muneris supellectilem totis utcumque patrimonii viribus immanis ursae comparabat numerum copiosum. Nam praeter domesticis venationibus captas, praeter largis emptionibus partas, amicorum etiam donationibus variis certatim oblatas tutela sumptuosa solícite nutrebat.

[14] Nec ille tam clarus tamque splendidus publicae voluptatis apparatus invidiae noxios effugit oculos. Nam diutina captivitate fatigatae simul et aestiva flagrantia maceratae, pigra etiam sessione languidae, repentina correptae pestilentia paene ad nullum redivere numerum. Passim per plateas plurimas cerneret iacere semivivorum corporum ferina naufragia. Tunc vulgus ignobile, quos inculta pauperies sine delectu ciborum tenuato ventri cogit sordentia supplementa et dapes gratuitas conquirere, passim iacentes epulas accurrunt. Tunc e re nata subtile consilium ego et iste Eubulus tale comminiscimur. Unam, quae ceteris sarcina corporis praevalerebat, quasi cibo parandam portamus ad nostrum receptaculum, eiusque probe nudatum carnibus corium servatis sollerter totis unguibus, ipso etiam bestiae capite adusque confinium cervicis solido relicto, tergus omne rasura studiosa tenuamus et minuto cinere perspersum soli siccandum tradimus.

Mas, além de outras parafernalias do magnífico espetáculo, ele adquirira uma grande quantidade de enormes ursos com todos os recursos de seu patrimônio. Afora as feras capturadas em caçadas domésticas e as adquiridas em compras caras, também a sua suntuosa proteção nutria solícitamente aquelas continuamente providas das muitas doações dos amigos.

[14] Mas aquele aparato para a satisfação do povo, tão grandioso quanto esplêndido, não escapou aos olhos nocivos da inveja. Com efeito, as feras, simultaneamente, fatigadas por um longo cativeiro, esgotadas pelo calor do acampamento e debilitadas pela duradoura inatividade, tendo contraído uma repentina peste, quase chegaram ao total aniquilamento. Via-se a enorme derrocada dos corpos semimortos das feras jazerem por Plateia¹¹. Então a multidão ignóbil – a quem a selvagem pobreza, sem que se escolham as comidas para atenuar o ventre, coage buscar os sórdidos suprimentos e as iguarias gratuitas – acorre às refeições que aqui e ali jaziam. Então, dessa situação surgida nós, eu e Eubolo¹², tramamos este meticuloso plano: transportamos uma urso, que prevalecia entre as restantes pelo peso do corpo, para nosso esconderijo, como se fossemos preparar um jantar; o couro dela foi separado devidamente das carnes, todas as unhas foram habilmente preservadas e igualmente a própria cabeça da besta, até o limite do pescoço, foi mantida intacta. Todo o dorso, raspando com zelo, afinamos e, borrifando com cinzas trituradas em pó, a colocamos para secar.

¹¹ Apuleio, nessa passagem, joga com a sonoridade das palavras *platēa*, rua larga, praça pública, e *Platēa* nome da cidade grega.

¹² Eubolo é um nome que vem da palavra grega εὐβουλος, “de bom conselho”, epíteto comumente usado para a deusa Témis, o que marca a ideia de que o plano sugerido pelo narrador e Eubolo é repleto de μῆτις.

Ac dum caelestis vaporis flammis examurgatur, nos interdum pulpis eius valenter saginantes sic instanti militiae disponimus sacramentum, ut unus e numero nostro, non qui corporis adeo sed animi robore ceteris antistaret, atque is in primis voluntarius, pelle illa contactus ursae subiret effigiem domumque Democharis inlatus per opportuna noctis silentia nobis ianuae faciles praestaret aditus.

[15] Nec paucos fortissimi collegii sollers species ad munus obeundum adrederat. Quorum prae ceteris Thrasyleon factionis optione delectus ancipitis machinae subivit aleam, iamque habili corio et mollitie tractabili vultu sereno sese recondit. Tunc tenui sarcimine summas oras eius adaequamus et iuncturae rimam, licet gracilem, saetae circumfluentis densitate saepimus. Ad ipsum confinium gulae, qua cervix bestiae fuerat exsecta, Thrasyleonis caput subire cogimus, parvisque respiratui <et obtutui> circa nares et oculos datis foraminibus fortissimum socium nostrum prorsus bestiam factum inmittimus caveae modico praestinatae pretio, quam constanti vigore festinus irrepsit ipse.

Ad hunc modum prioribus inchoatis sic <ad> reliqua fallaciae pergimus.

[16] Sciscitati nomen cuiusdam Nicanoris, qui genere Thracio proditus ius amicitiae summum cum illo Demochare colebat, litteras adfingimus, ut venationis, suae primitias bonus amicus videretur ornando muneri dedicasse.

¹³ Trasileão, “o valoroso leão”, é formado das palavras gregas θρασύς, corajoso, e λέων, leão.

E, enquanto o dorso é secado pelos ardores do vapor celeste, nós, de tempos em tempos, alimentando-nos vigorosamente com essas carnes, planejamos, sob juramento militar, que um de nós, que fosse superior do resto não só no físico, mas ainda mais no vigor da alma, e em primeiro lugar que fosse voluntário, tendo se dissimulado com a pele da urso, introduziria a efigie na casa de Demócares e, estando lá dentro, com o auxílio da oportuna calada da noite, daria acesso para nós facilmente pela porta.

[15] O hábil disfarce seduziu para empreender a tarefa não poucos do nosso fortíssimo grupo. Antes de todos, Trasileão¹³, tendo sido escolhido por opção da facção, expôs-se ao risco de nossa perigosa invenção, e, com o semblante sereno, já se ocultou no couro convenientemente flexível e maleável. Depois disso, aplainamos as bordas superiores e a juntura das fendas com uma tênue costura, embora simples, e as cingimos densamente com o pelo abundante. Próximo ao próprio limite da garganta, onde fora cortado o pescoço da besta, forçamos a cabeça de Trasileão a entrar, e tendo sido feitos pequenos buracos em volta do nariz e dos olhos para a respiração e a visão, impelimos nosso valoroso companheiro, inteiramente transformado em besta, numa jaula comprada a preço módico, a qual ele próprio, adiantado, introduziu-se com inabalável vigor.

Desse modo, após esses primeiros preparativos, continuamos com o restante do engodo.

[16] Informados de que um certo Nicanor¹⁴, de origem Trácia, cultivava com aquele Demócares um elevado laço de amizade, bolamos uma carta, a fim de parecer que seu bom amigo tinha dedicado a ele a melhor parte de sua caçada brindando-o com um presente.

¹⁴ Nome grego forjado com as palavras νίκη, vitória, e ἀνήρ, homem.

Iamque propecta vespera abusi praesidio tenebrarum Thrasyleonis caveam Demochari cum litteris illis adulterinis offerimus, qui miratus bestiae magnitudinem suique contubernalis opportuna liberalitate laetatus iubet nobis protinus gaudii sui <ut ipse habebat> gerulis decem aureos, [ut ipse habebat], e suis oculis adnumerari. Tunc, ut novitas consuevit ad repentinas visiones animos hominum pellicere, multi numero mirabundi bestiam confluebant, quorum satis callenter curiosos aspectus Thrasyleon noster impetu minaci frequenter inhibebat; consonaque civium voce satis felix ac beatus Demochares ille saepe celebratus, quod post tantam cladem ferarum novo proventu quoquo modo fortunae resisteret, iubet novalibus suis confestim bestiam [iret iubet] summa cum diligentia reportari. Sed suscipiens ego:

[17] ‘Caveas,’ inquam ‘Domine, flagrantia solis et itineris spatio fatigatam coetui multarum et, ut audio, non recte valentium committere ferarum. Quin potius domus tuae patulum ac perflabilem locum immo et lacu aliquoi conterminum refrigerantemque prospicis? An ignoras hoc genus bestiae lucos consitos et specus roridos et fontes amoenos semper incubare?’

Talibus monitis Demochares perterritus numerumque perditarum secum recensens non difficulter adsensus ut ex arbitrio nostro caveam locarem facile permisit. ‘Sed et nos’ inquam ‘Ipsi parati sumus hic ibidem pro cavea ista excubare noctes, ut aestus et vexationis incommodo bestiae fatigatae et cibum tempestivum et potum solitum accuratius offeramus.’

‘Nihil indigemus labore isto vestro,’ respondit ille ‘iam paene tota familia per diutinam consuetudinem nutriendis ursis exercitata est.’

A tarde já ia avançada e aproveitando da proteção das trevas, apresentamos a jaula de Trasileão para Demócares, junto com aquela carta forjada; ele, admirado com a magnitude da besta e regozijando-se com a oportuna generosidade do seu companheiro, imediatamente manda contar de sua bolsa dez moedas de ouro para nós, portadores, conforme julgava, de sua alegria.

Então, como a novidade sempre costuma, diante das visões repentinas, seduzir os espíritos dos homens, acorria grande número de admiradores da besta, e aos olhares bastante perspicazes deles, o nosso Trasileão inibia frequentemente com ímpeto ameaçador; e junto à voz harmoniosa dos cidadãos, o feliz e opulento Demócares, tendo comemorado muito e muito – ele que, depois da enorme perda das feras, com a novidade resistia, de algum modo, ao seu destino – ordena de imediato que seja transportada a besta aos seus campos, com todo zelo do mundo. Mas eu intervim:

[17] “Cautela, Senhor”, eu disse, “para não colocar o animal, que está fatigado pelo calor do sol e pela longa viagem, em companhia de outros que, pelo que eu ouvi dizer, não estão com boa saúde. Por que antes não procura um lugar aberto e arejado dentro da sua casa, de preferência com a proximidade refrigério de um espelho d’água? Acaso ignora que esta espécie de animal sempre tem por *habitat* bosques arborizados, cavernas úmidas e fontes amenas?”

Apavorado com semelhantes conselhos e revendo as suas numerosas perdas, Demócares, não dificilmente persuadido, permitiu de boa vontade que colocássemos o claustro conforme o nosso querer. “Mas”, acrescentei, “nós mesmos estamos dispostos a montar guarda, à noite, aqui mesmo diante deste claustro, para oferecermos, com diligência, o alimento na hora certa e a bebida de costume para essa besta fatigada pelo incômodo do calor e da viagem”.

“Não carecemos do seu trabalho”, me respondeu, “quase toda a família está habituada a dar de comer aos ursos, por constante prática”

[18] Post haec valefacto discessimus et portam civitatis egressi monumentum quoddam conspicamur procul a via remoto et abdito loco positum. Ibi capulos carie et vetustate semitectos, quis inhabitabant pulverei et iam cinerosi mortui, passim ad futurae praedae receptacula reseramus, et, ex disciplina sectae servato noctis inlunio tempore, quo somnus obvius impetu primo corda mortalium validius invadit ac premit, cohortem nostram gladiis armatam ante ipsas fores Democharis velut expilationis vadimonium sistimus. Nec setius Thrasyleon, examussim capto noctis latrociniali momento prorepat cavea statimque custodes, qui propter sopiti quiescebant, omnes ad unum mox etiam ianitorem ipsum gladio conficit, clavique subtracta fores ianuae repandit nobisque prompte convolantibus et domus alveo receptis demonstrat horreum, ubi vespera sagaciter argentum copiosum recondi viderat. Quo protinus perfracto confertae manus violentia, iubeo singulos commilitonum asportari quantum quisque poterat auri vel argenti et in illis aedibus fidelissimorum mortuorum occultare prope rursumque concito gradu recurrentes sarcinas iterare; quod enim ex usu foret omnium, me solum resistentem pro domus limine cuncta rerum exploratum sollicite, dum redirent. Nam et facies ursae mediis aedibus discurrentis ad proterendos, si qui de familia forte evigilassent, videbatur opportuna. Quis enim, quamvis fortis et intrepidus, immani forma tantae bestiae noctu praesertim visitata non se ad fugam statim concitaret, non obdito cellae pessulo pavens et trepidus sese cohiberet?

[18] Depois disso, nos despedimos e nos retiramos e, tendo saído pela porta da cidade, avistamos um certo monumento, afastado da estrada e situado em lugar remoto. Aí abríamos os túmulos semicobertos de entulho e velharia, nos quais mortos, cobertos de cinza e pó, habitavam, para serem esconderijos de nosso futuro roubo, e, de acordo com a doutrina de nossa seita, aguardamos a hora da noite da esconsa lua, em que o doce sono, com o primeiro ataque, invade e abate os corações dos mortais mais vigorosos; então alocamos a nossa legião, armada de gládios, diante da porta de Demócares com a promessa de pilhagem. Trasileão, atento ao momento exato do latrocínio noturno, saiu da jaula e de imediato matou, um a um com seu gládio, os guardas que repousavam adormecidos ali perto. Em seguida também matou o porteiro e, tendo subtraído a chave, escancarou as portas da entrada. Uma vez que, prontamente, estávamos nos infiltrando e chegando no coração da casa, nos mostrou um depósito onde, à tarde, vira sagazmente uma copiosa quantidade de prata ser guardada. Imediatamente, com a dura violência das mãos, arrombamos essa dispensa e ordeno a cada um dos companheiros que carregue tudo quanto consiga de ouro e prata e rapidamente esconda nas casas dos mortos, os hiperconfiáveis, e, com pés velozes, volte correndo e recomece novamente os saques. Com efeito, eu sozinho, para o benefício de todos, me manteria diante do limiar da casa para observar cuidadosamente tudo que se passava enquanto eles iam e vinham. Pois, se alguém da família por acaso despertasse, seria vista a imagem oportuna de uma urso correndo pela casa que os levaria ao terror.

Quem, de fato, por mais forte e intrépido, tendo visto, sobretudo à noite, uma fera com esse tamanho monstruoso, não se apressaria em fugir imediatamente e não se encerraria, tremendo e agitado, no quarto com um ferrolho para trancar?

[19] His omnibus salubri consilio recte dispositis occurrit scaevus eventos. Namque dum reduces socios nostros suspensus opperior, quidam servulus strepitu scilicet <uel certe> divinitus inquietus proserpit leniter visaque bestia, quae libere discurrens totis aedibus commeabat, premens obnixum silentium vestigium suum replicat et utcumque cunctis in domo visa pronuntiat. Nec mora, cum numerosae familiae frequentia domus tota completur. Taedis lucernis cereis, sebaciis et ceteris nocturni luminis instrumentis clarescunt tenebrae. Nec inermis quisquam de tanta copia processit, sed singuli fustibus lanceis destrictis denique gladiis armati muniunt aditus. Nec secus canes etiam venaticos auritos illos et horricomes ad comprimendam bestiam cohortantur.

[20] Tunc ego sensim gliscente adhuc illo tumultu retrogradi fuga domo facesso, sed plane Thrasyleonem mire canibus repugnantem latens pone ianuam ipse prospicio. Quamquam enim vitae metas ultimas obiret, non tamen sui nostrique vel pristinae virtutis oblitus iam faucibus ipsis hiantis Cerberi reluctabat. Scaenam denique quam sponte sumpserat cum anima retinens, nunc fugiens, nunc resistens variis corporis sui schemis ac motibus tandem domo prolapsus est. Nec tamen, quamvis publica potitus libertate, salutem fuga quaerere potuit. Quippe cuncti canes de proximo angiportu satis feri satisque copiosi venaticis illis, qui commodum domo similiter insequentes processerant, se obmiscent agminatim. Miserum funestumque spectamen aspexi, Thrasyleonem nostrum catervis canum saevientium cinctum atque obsessum multisque numero morsibus laniatum.

[19] Tendo sido tomadas corretamente essas disposições salutares, ocorreu então um evento sinistro: pois, enquanto eu esperava inquieto os meus companheiros retornarem, um escravo, despertado certamente pelo tumulto, ou por vontade divina, se esgueirou de mansinho e avistou a besta, que circulava correndo livre por toda casa. Ele, mantendo um absoluto silêncio, dá meia volta e de um jeito qualquer anuncia a todos o que vira na casa. Sem demora, toda casa se encheu com a presença dos numerosos moradores: tochas, lâmpadas, círios, velas e vários outros instrumentos que iluminam a noite chamejaram as trevas; e ninguém, da enorme multidão, avançava inerte, mas cada um armado com achas, lanças, enfim, espadas desembainhadas, fortificava a entrada; além disso, aticavam os cães de caça, esses cães orelhudos e hirsutos, para conter a besta.

[20] Então, eu, com aquele tumulto crescendo lentamente mais e mais, bati em retirada da casa, mas, escondido atrás da porta, vi Trasileão lutar admiravelmente com os cães. Ainda que, com efeito, percorresse os últimos minutos de sua vida, não se esquecia nem de si, nem de nós, nem da antiga virtude, e por isso resistia às mordidas do Cérbero, que estava prestes a abocanhá-lo. Enfim, conservando com ânimo o papel que se arrogara por vontade própria, ora correndo, ora lutando, variando as formas e os movimentos do corpo, por fim fugiu da casa. Todavia, embora tenha se apoderado da liberdade da rua, não pode encontrar a salvação da fuga, pois todos os cães do beco vizinho, bastante selvagens e numerosos, se misturaram em bando àqueles de caça, que precisamente acabavam de lançar-se da casa em sua perseguição. Que mísero e funesto espetáculo eu vi: o nosso Trasileão cercado e atacado por catervas de cães furiosos e dilacerado por muitas e numerosas mordidas.

Denique tanti doloris impatiens populi circumfluentis turbelis immisceor et, in quo solo poteram celatum auxilium bono ferre commilitoni, sic indaginis principes dehortabar: ‘O grande’ inquam ‘Et extremum flagitium, magnam et vere pretiosam perdimus bestiam’.

[21] Nec tamen nostri sermonis artes infelicissimo profuerunt iuveni; quippe quidam procurrens e domo procerus et validus incunctanter lanceam mediis iniecit ursae praecordiis nec secus alius et ecce plurimi iam timore discusso, certatim gladios etiam de proximo congerunt. Enimvero Thrasyleon egregium decus nostrae factionis tandem immortalitate digno illo spiritu expugnato magis quam patientia neque clamore ac ne ululatu quidem fidem sacramenti prodidit, sed iam morsibus laceratus ferroque laniatus obnixo mugitu et ferino fremitu praesentem casum generoso vigore tolerans gloriam sibi reservavit, vitam fato reddidit. Tanto tamen terrore tantaque formidine coetum illum turbaverat, ut usque diluculum immo et in multum diem nemo quisquam fuerit ausus quamvis iacentem bestiam vel digito contingere, nisi tandem pigre ac timide quidam lanius paulo fidentior utero bestiae resecto ursae magnificentum despoliavit latronem. Sic etiam Thrasyleon nobis perivit, sed a gloria non peribit. Confestim itaque constrictis sarcinis illis, quas nobis servaverant fideles mortui, Plataeae terminos concito gradu deserentes istud apud nostros animos identidem reputabamus merito nullam fidem in vita nostra reperiri, quod ad manis iam et mortuos odio perfidiae nostrae demigrarit. Sic onere vecturae simul et asperitate viae toti fatigati tribus comitum desideratis istas quas videtis praedas adveximus.

Então, assomado por tanta dor, misturei-me ao tumulto do povo que me circundava, pois somente com isso eu poderia obter para o bom amigo uma furtiva ajuda, e desse modo distraía os principais caçadores do cerco: “Que vergonha”, eu disse, “imensa e extrema, perdemos uma besta magnânima e verdadeiramente preciosa”.

[21] Contudo, minhas as habilidades oratórias não foram úteis ao infeliz jovem, pois um certo homem, alto e robusto, saindo da casa, sem hesitar transpassou a lança no imo peito do urso, e assim fez toda a multidão que, já com o medo dissuadido, energicamente o crivou com seus gládios. Com efeito, Trasileão, insigne glória de nossa facção, finalmente subjugado aquele espírito digno de imortalidade mais do que de servidão, por certo não traiu a palavra dada em juramento nem com grito nem com gemido, mas, já lacerado pelas mordidas e rasgado pelo ferro, continuava mugindo e relinchando como uma fera, tolerando a presente situação com altivo vigor, conservando assim a sua glória, entregou a vida ao destino. Sem dúvida, ele perturbou aquele bando com um grande terror e com grande medo, até ao raiar do dia, ou melhor, até o dia claro, ninguém teve a audácia de encostar nem mesmo um dedo embora a besta estivesse no chão. Enfim, com lentidão e timidez, um carniceiro, um pouco mais ousado, depois de cortar a barriga da besta, tirou da ursa o magnífico ladrão. Assim, então, nosso Trasileão pereceu, mas a sua glória não terá fim. Imediatamente, por consequência, juntamos aqueles pacotes que os honestos mortos guardaram para nós, e deixando com passo apressado os limites de Plateia, repensávamos isto continuamente em nossas almas: que, em nossa vida, nenhuma boa fé é obtida pelo merecimento; e que, cansada de nossas perfídias, ela foi morar junto aos manes e aos mortos. Foi assim que todos fatigados pelo peso da carga e pela dureza da estrada, com três dos companheiros mortos, trazemos os saques que vedes”.

[22] Post istum sermonis terminum poculis aureis memoriae defunctorum commilitonum vino mero libant, dehinc canticis quibusdam Marti deo blanditi paululum conquiescunt.

[22] Depois do término da narrativa, com copos de ouro fazem uma libação com vinho puro em memória dos companheiros defuntos; em seguida, tendo honrado o deus Marte com alguns cânticos, repousam um pouco.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADKINS, E. W. **Rudis Locutor: Speech and Self-Fashioning in Apuleius' Metamorphoses.** A dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy (Classical Studies) in the University of Michigan 2014.
- APULEE. **Les métamorphoses.** Texte établi par D. S. Robertson et traduit par Olivier Sers. Paris: Les Belles Lettres, 2007.
- APULEIO. **O asno de ouro.** Tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963.
- APULEIUS. **The Golden Ass.** Being the Metamorphoses of Lucius Apuleius. Translation by W. Adlington and revised by S. Gaselee. Cambridge; London: Harward University Press; William Heinemann, 1958.
- APULEYO. **Las Metamorfosis o El asno de oro.** Livros 4-11. Introducción y traducción de Juan Martos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones científica, 2003.
- _____. **El asno de oro.** Traducción y notas de Lisardo Rubio Fernández. Madrid: Gredos, 1978.
- ARISTÓTELES. **Poética.** Tradução e notas de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética.** Teoria do Romance. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BIANCHET, S. M. G. B. Contos de Magia, sedução e monstrosidades nos romances *Satyricon* de Petrônio e *Metamorphoseon* de Apuleyo. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, vol.6, 2010. pp.89-96.
- BRANDÃO, J. L. **A invenção do romance.** Brasília: Ed. UNB, 2005.
- FRANGOULIDIS, S. A. Epic Inversion in Apuleius' Tale of Tlepolemus/Haemus. **Mnemosyne**, vol.45, Fasc.1, 1992. pp.60-74.
- GRAVERINI, L. The Ass's Ears and the Novel's Voice. Orality and the Involvement of the Reader in Apuleius' Metamorphoses. In: V. RIMELL (ed.). **Seeing Tongues, Hearing Scripts.** Orality and Representation in the Ancient Novel. Groningen: Groningen Library, 2007. pp. 138-167.
- HARRISON, S. J. Some Odyssean Scenes in Apuleius' Metamorphoses. **Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici**, n.º. 25, Studi sul romanzo antico, 1990. pp. 193-201

- _____. From Epic to Novel: Apuleius' Metamorphoses and Vergil's Aeneid. **Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici**, n.º. 39, Memoria, arte allusiva, intertestualità (Memory, Allusion, Intertextuality), 1997. pp. 53-73
- _____. Apuleius and Homer: Some Traces of the Iliad in the Metamorphoses. In: PASCHALIS, M; PANAYOTAKIS, S; SCHMELING, G (Ed). **Readers and Writers in the Ancient Novel**. Groningen: Barkhuis Publishing and Groningen University Library, 2009. pp.169–183.
- HELM, R. (ed.) **Apulei opera quae supersunt vol. 1: Metamorphoseon Libri XI**. Leipzig: B.G. Teubner, 1931.
- HIJMANS, B. L., Jr., et al. **Apuleius Madaurensis Metamorphoses Book IV.1-27**. Groningen Commentaries on Apuleius. Groningen, Bouma, 1977.
- HOLZBERG, N. The Genre: Novels proper and the fringe. In: SCHMELING, G. (Ed). **The novel in the ancient world**. Boston: Brill Academic Publishers, 2003. pp.11-28.
- HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Frederico Lourenço; Introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- HORÁCIO. Arte Poética 1-100. Tradução de Brunno V. G. Vieira. **Letras Clássicas**, vol.15, 2011. pp.88-90.
- LUCANO. **Farsália**. Cantos de I a V. Tradução de Brunno V. G. Vieira. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- ODIL, J. de O. F. **Carnaval no Convento**. Intertextualidade e paródia em José Saramago. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- OLIVEIRA, F. O suicídio na Roma Antiga. **Máthesis**, n.º 3, 1994. pp.65-93.
- PEREIRA, M. H. da R. **Estudos de história da cultura clássica**. Cultura Romana. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- PSEUDO-CÍCERO. **Retórica a Herênio**. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.
- PSEUDO-HOMERO. **Batracomiomaquia**. A batalha dos ratos e das rãs. Estudo e tradução de Fabricio Possebon. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 2003.
- SARTRE, J.-P. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- SVENDSEN, J. Narrative Techniques in Apuleius' "Golden Ass". **Pacific Coast Philology**, Vol. 18, n.º 1/2, 1983. pp. 23-29.
- VERNANT, J.-P. A bela morte e o cadáver ultrajado. **Discurso**, n.º9, 1978. pp.31-62.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014.

WALSH, P. G. Apuleyo. In: KENNEY, E. J. e CLAUSEN, W. v. (Eds). **Historia de la Literatura Clásica (Cambridge University)**. II. Literatura Latina. Versión española de Elena Bombín. Madrid: Gredos, 1989. pp.834-846.